STELLA

Revista Trimestral | Nº 687 | Ano LXXX | Julho a Setembro| 2017

AS DUAS CANDEIAS QUE DEUS ACENDEU

O SILÊNCIO DE DEUS E DO PAPA

O PADRE FORMIGÃO E OS PASTORINHOS

CORAÇÃO, BOMBA E REFÚGIO

ÍNDICE STELLA

2 - 3 | Ficha técnica | Índice | Editorial

Fátima, Stella Mundi

4 - 5 | As duas Candeias que Deus acendeu briham nos altares do mundo| Ângela de Fátima Coelho

6 - 7 | "Promessa" – Ligia Rodrigues

8 - 9 | Francisco e Jacinta, duas obras primas de santidade| Jean- François Louvencourt

10 - 11 | A Peregrinação do Papa Francisco | Creche Mãe

12 - 13 | 100 anos de construções para viver e traduzir Fátima | Marco Daniel Duarte

Fé e Vida

14 - 15 | Cuidar da casa comum | Manuel Saturino Gomes

16 - 17 | O silêncio de Deus e do Papa | Laurinda Alves

18 - 19 | Angelus TV | Entrevista com Sandra Dias

Padre Formigão, o Homem e a Obra

20 - 21 | O Padre Formigão e os Pastorinhos | Arnaldo Pinto Cardoso

22 - 25| Carta de Manoel Pedro Martho

26 - 27| Cónego Manuel Nunes Formigão, Apóstolo da mensagem de Fátima | Rafael Antunes Marques

Olhares da Stella

28 - 29| Finalmente... Férias! | Filomena Mendes

30 - 31 | Coração, bomba e refúgio | Fátima Saraiva

32 - 33 | O que dizem os "especialistas" sobre o casamento (II)| José Ferreira-Alves

34 - 35 | Publicidade

FICHA TÉCNICA

Fundador:
Padre Manuel Nunes Formigão

Editora e Proprietária:
Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima
www.reparadorasfatima.pt
Tel.:249 539 240

Diretora:
Amália Saraiva

Assessores de redação:
Ana Ferreira
Clara Marto
Nuno Prazeres
Rafael Marques

Redação e Administração:
Rua Francisco Marto, 203
2495 - 448 FÁTIMA - Portugal
Tel.: 249534767
E-mail: stellaredacao@gmail.com

Assinaturas:
Anual: 10 €
Amigo e Estrangeiro: 20,00 €
Pagamento Adiantado, no início do ano, por vale, cheque ou transferência bancária-Banco Popular,
Conta: 600047733 91
NIB: 0046 0257 00600047733 91
IBAN: PT50 0046 0257 00600047733 91
SWIFT / BIC CRBNPTPL

EJ nº 212378 - Registo ERC 112380
ICS Depósito Legal nº 89333/95
NIF: 500835560

Design Gráfico:
Cátia Lopes de Freitas

Impressão:
Gráfica Almondina - Torres Novas
Tiragem: 2000 exemplares

Foto: Lusa_ Retrato oficial dos Santos Jacinta e Francisco Marto

Com aprovação da autoridade eclesiástica

Estatuto Editorial:
http://www.reparadorasfatima.pt/revista-stella

EDITORIAL
AMÁLIA SARAIVA

80 ANOS
1937 - 2017

Fátima no centro do mundo e o mundo no centro de Fátima. É o movimento que, sem ser centrípeto, pois se expande em todas as direções até aos confins da Terra, se tem observado e vivido em Fátima ao longo de cem anos e que tem particular expressão, neste ano do Centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima. O mundo voltou-se para o Santuário da Cova da Iria para celebrar, com Sua Santidade, o Papa Francisco, peregrino da esperança e da paz, os memoráveis cem anos, a canonização dos Videntes Pastorinhos e dar graças a Deus por essa chuva de bênçãos e de graça que Fátima tem sido para o mundo. Fátima continua a ser "íman das almas e dos corações". O Senhor continua a "atrair tudo a Si" pela via do Coração Imaculado de Sua e nossa Mãe, pois, "sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do carinho", como afirmou o Santo Padre. Se é certo que a essência de Fátima – oração, conversão, reparação, paz, esperança – escapa à lógica da "civilização do espetáculo" e do seu voyeurismo excessivo, também é facto que Fátima é uma lâmpada posta no candelabro para iluminar tudo e a todos, crentes e não crentes, agnósticos ou indiferentes, eruditos e incultos, deixando evidente a marca de Deus na história. "Quem é o Deus de Fátima?" Perguntava há dias, precisamente em Fátima, sua Eminência o Cardeal Gianfranco Ravasi. E respondia: é o Deus dos últimos, dos segundos; é o Deus para nós, compassivo e misericordioso; é o Deus do Papa Francisco. O Deus de Fátima é o Deus que participa na nossa vida humana. A vida de Maria, dizia o Senhor Cardeal, manifesta o contínuo ato de proteção de Deus pelos últimos. É este Deus que atrai as multidões a Fátima. Vêm do fundo das suas dores, frustrações, angústias e solidões à procura do colo da Mãe. Em Fátima "temos Mãe". Uma Mãe que nos "envolve no manto de Luz que Deus Lhe deu e nos revela, como aos Pastorinhos, Jesus." O Filho que, diante do Pai, nos representa a todos, filhos no Filho muito amado.

A Stella é apenas um apontamento destes múltiplos e misteriosos acontecimentos que tecem a história e nos mobiliza "contra a indiferença e a miopia do olhar".

Ir. Amália Saraiva, rf

As duas Candeias que Deus acendeu brilham nos altares do mundo

ÂNGELA DE FÁTIMA COELHO

Com que emoção, no dia 13 de maio de 2017, escutámos as palavras do Papa Francisco, peregrino entre os peregrinos da Senhora do Rosário, em Fátima:

«com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e a Nossa [...] declaramos e definimos como Santos os Beatos Francisco e Jacinta Marto».

O processo de configuração com Cristo, que a santidade supõe, é lento, gradual. Mas reconhecemos etapas, momentos mais intensos onde o toque do Espírito Santo, se encontra docilidade no coração humano, faz avançar com determinação nesse longo processo de transfiguração de uma vida humana em vida evangelizada.

Para São Francisco e Santa Jacinta Marto, não hesitamos em afirmar, que a sua história de amor com Deus, transformada em história de santidade, iniciou-se com uma pergunta: «Quereis oferecer-vos a Deus»? feita pela Virgem Maria, e com uma resposta: «Sim queremos».

Esta história viveu, nesse dia, um momento de particular intensidade: 100 anos volvidos, no mesmo local, toda a Igreja se reuniu em torno do «bispo vestido de branco», para canonizar a vida feita «sim» de Francisco e Jacinta. Com efeito, ao canonizar S. Francisco e Stª. Jacinta, o Papa Francisco proclama a toda a Igreja que este "sim" primeiro, foi repetido nos muitos pequenos gestos de entrega com que foram vivendo todos os momentos, alegres ou sofridos, tecendo, até ao extremo, a identificação desse seu «sim» com o «sim» de Cristo, com o «sim» que é Cristo.

Hoje, torna-se claro como a biografia desse «sim» ainda não acabou. Ele continua a ressoar, como continua a interpelar.

A partir do altar do mundo, S. Francisco e Stª. Jacinta, falam e interpelam a comunidade eclesial, como podemos contemplar nos retratos oficiais destes novos santos.

Santa Jacinta Marto olha-nos de frente, levando-nos a tomar consciência da seriedade da vida. Com o seu olhar ousado e corajoso, comunica-nos o segredo da sua santidade: quer viver para «fazer como Nosso Senhor», como disse um dia à prima Lúcia.

A candeia que traz na mão ilumina com a luz da lua, a luz que irrompe as trevas da noite. É para todas as noites da história, incluindo da nossa história pessoal, que esta pequena Santa quer ser uma luz amiga, uma presença poderosa, ainda que discreta.

São Francisco Marto tem o seu olhar voltado para o alto. Desde que a «Virgem Maria os introduziu no mar imenso da Luz de Deus e aí os levou a adorá-lo», Francisco encontrou o horizonte da sua vida. Quando a Lúcia lhe perguntava o porquê do seu silêncio, da sua quietude, São Francisco respondia: «Estou a pensar em Deus».

A candeia que transporta na mão, iluminada com o sol, fala-nos da luminosidade de Deus que o inundou e que exprime a verdade mais profun-

[Foto_ Arquivo do Santuário de Fátima – Núcleo Fotográfico]

da deste menino: «Do que mais gostei foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus! [...] Nós estávamos a arder naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus!»

Com a canonização de Francisco e de Jacinta, o Papa Francisco sublinha as palavras de S. João Paulo II aquando da sua beatificação:

"A Igreja quer colocar sobre o candelabro estas duas Candeias que Deus acendeu para alumiar a Humanidade nas suas horas sombrias e inquietas. Brilhem elas sobre o caminho desta multidão imensa de peregrinos".

Estas duas pequenas candeias que Deus acendeu há cem anos, com o fogo do Seu Espírito – os mais jovens santos não-mártires da história da Igreja –, brilham agora nos altares do mundo.

E como é luminoso o seu fulgor.

Ir. Ângela de Fátima Coelho, asm
Postuladora das Causas de Francisco e Jacinta Marto
Vice-Postuladora da Causa da Irmã Lúcia

"Promessa"

LIGIA RODRIGUES

[Foto_ Arquivo do Santuário de Fátima – Núcleo Fotográfico]

Uma promessa que começa com entrega, com luz, com braços abertos que ao conter doam, que faz ver, que é antes do cumprimento, que põe nas mãos de simples crianças a salvação do mundo, a mó das coisas de Deus onde o infinito toma espaço no nada... De que tamanho tem que ser uma alma para dar forma às coisas do Amor? Talvez a dimensão do nada.
Só nesse contexto pude fazer este trabalho, tentando-me sintonizar a cada momento com o Tudo.

Almejava tantas coisas:
- Conter um obrigado ao Santo Padre, de todos nós.
- Entregar-lhe fidelidade, essa, que perdida no sim da Mãe, é Vida, Verdade, é Luz.
- Quase queria gritar silêncio, lugar onde fala o Verbo.

A certa altura deixei-me ser quem sou, simplesmente, nada. Um nada contido no Corpo, tentando ser Dele expressão. Um nada tão amado que ousou modelar com vida, como se fosse o modo de "imesmar" gratidão.

Alguns dos momentos com Deus, com Maria, durante a execução da obra, registei-os com as palavras que aqui deixo:

Eis-me. Estou aqui. Fiz este percurso toda a vida para estar aqui, agora, diante de Ti. Se falares, eu serei a Tua palavra. Se calares, serei o Teu silêncio.

Quando vejo o desprezo do mundo, quando o abandono me trinca a alma...
O ponto de viragem da história é Maria.

Sempre que a minha alma afunda na apatia e descubro que já não sei amar...
O ponto de viragem em mim é Maria.

Quando estou na dúvida, quando me parece que Deus não me ouve...
O ponto de viragem é Maria
Quando vejo o absurdo tomar a proeminência e parecer normal, levando o ser humano à alienação...
O ponto de viragem é Maria

Retorno a Maria com gratidão sem fim, e digo-lhe: "Ave-Maria". Obrigada, porque o Senhor que está contigo retorna por ti a mim, conduzindo novamente a história ao Amor, também através da minha vida, como tu.
Regresso a Maria e a paz instala-se novamente em mim.

"A que distância deixaste o coração? "

Tenho alergia aos corações, sobretudo a corações cravados de espinhos.
Sim, a mim, falta-me o coração!
Aquele que palpita lado a lado com os que estão cravados de espinhos...
Aquele que poderia conter o fluxo de sangue que escorre das mentes atormentadas...
Aquele que poderia ter compreensão pelas pessoas que me são pesadas por pretenderem de mim.
Aquele que poderia equilibrar com silêncios cheios de plenitude, os desequilíbrios dos sofredores.
Falta-me o coração!
Aquele que depois de trespassado ainda verte sangue, essa linfa que distribui vida...
Ainda verte água, rio que lava a mágoa...
Tenho alergia aos corações, sobretudo, cravados de espinhos.
Não sou como essas pessoas puras habituadas a distribuir amor sem demasiados raciocínios...
Esses que têm a inteligência no lugar certo e não desviado para a mente...
Falta-me o coração que dá e recebe vida do "Corpo" que habito.
Para habitar plenamente o Corpo são necessários os espinhos.
Dá-me um coração, para continuar o Teu palpitar...
E eu o porei na mão de Maria para to entregar.

Ligia Rodrigues
Escultora

"Promessa" – Presente oficial do Santuário ao Papa Francisco – 13 de maio de 2017

Francisco e Jacinta, duas obras primas de santidade

JEAN-FRANCOIS DE LOUVENCOURT

[Fotos_ António Marto]

A história de santidade dos dois pastorinhos Francisco e Jacinta começa – e começa mal – na tarde de 13 de maio de 1917, quando regressam a casa com o rebanho. Até esse momento, tudo corria às mil maravilhas. Uma infância feliz, sem preocupações, num ambiente familiar unido. Um ano antes, até tinham tido o privilégio de receber, por três vezes, a visita de um Anjo e, depois, a de Nossa Senhora, nesse 13 de maio, ao meio-dia. Mas tudo vacila subitamente na tarde desse mesmo dia.

Com efeito, mal vê a mãe, a Jacinta precipita-se para ela, para lhe anunciar a grande novidade do dia: viu Nossa Senhora. A reacção foi imediata: "– Credo, filha! És uma boa santa para veres Nossa Senhora!" Perante a insistência da filha, a quem não hesita em chamar "tontinha", a mãe interroga o Francisco, que confirma o que a irmã dissera.

Não obstante esta reacção abrupta, há que reconhecer que a Jacinta e a mãe têm ambas razão: uma, porque efectivamente viu uma bela Senhora; e a outra, porque sabe muito bem que a sua filha não é nenhuma santa.

A Jacinta tem, de facto, os seus defeitos. Caprichosa à menor contrariedade, também é muito possessiva, para não falar na tendência excessiva para se ataviar e para dançar. O Francisco também tem os seus defeitos: travesso de quando em vez, revela-se por vezes duma teimosia excessiva, ao ponto de tirar dinheiro para ir comprar a harmónica dos seus sonhos.

Mas Nossa Senhora, Mãe e Rainha dos santos, vai mudar as suas vidas. Ou melhor dito, há uma cooperação admirável entre ela e eles, que lhes vai mudar a vida. É que não basta que Nossa Senhora se manifeste a alguém para que ele ou ela se tornem santos. É preciso, além disso, que haja consentimento e, sobretudo, perseverança nesse consentimento, sejam quais forem as provações que possam interpor-se.

Efectivamente, as provações não tardam a abater-se sobre eles de todas as maneiras, até ao último dia das suas vidas: troças, acusações de fraude, sequestro, repetidas ameaças de morte, doença implacável e, por fim, morte prematura, ambos antes dos 11 anos de idade.

Como é que eles fazem para ultrapassar estas inúmeras provações, quando qualquer uma bastaria, sem dúvida, para nos fazer soçobrar? Respondendo "sim" à pergunta que a bela Senhora lhes fez a 13 de maio: "Quereis oferecer-vos a Deus?"

De facto, eles ofereceram-se a Deus através de uma vida de renúncia a si mesmos, até à livre aceitação de morrerem mártires. Através de uma vida de dedicação aos outros e de oração pelo Santo Padre, pelos pecadores e pela paz no mundo. Através de uma vida de amor ao Coração Imaculado de Maria e a Deus, tão ultrajado em todo o mundo.

Até onde é que eles chegaram neste caminho de

[texto traduzido segundo o anterior acordo ortográfico]

santidade? Deixemos que o papa João Paulo II nos responda, ao declarar convictamente em Fátima, a 13 de maio de 2000, na presença de um milhão de peregrinos: "Entregando-se com total generosidade à direção de tão boa Mestra, a Jacinta e o Francisco subiram em pouco tempo aos cumes da perfeição". Vale a pena sublinhar que o papa não se refere apenas à "perfeição" – já de si notável – mas sim o "cume" da perfeição: uma autêntica canonização ditada pelo coração, certamente implícita e inteiramente espontânea, realizada nas mais solenes circunstâncias.

Queremos outro testemunho? Eis o do cardeal José Saraiva Martins, aquando do congresso internacional de 2007, em Fátima: "Francisco e Jacinta são um dom para a Igreja e para o mundo, antes de mais pela sua santidade, que faz deles duas figuras fascinantes para os fiéis do mundo inteiro." Que magnífica confirmação da sua santidade, proposta a todos e ao alcance de cada um!

Com efeito, uma canonização ditada pelo coração é uma magnífica confirmação da sua santidade. Mas falta o mais decisivo de tudo: a canonização oficial, que implica previamente o reconhecimento de um milagre, devidamente estudado e comprovado, segundo os métodos rigorosos em vigor. E eis que este milagre indispensável aconteceu. O decreto atestando a autenticidade da cura – rápida, completa, duradora e cientificamente inexplicável – de uma criança brasileira, graças à intercessão de ambos, foi aprovado pelo papa Francisco, a 23 de março de 2017. A notícia foi relatada pelo L'Osservatore Romano em primeira página no dia seguinte. Assim se abriu o caminho para a sua efectiva canonização, no ano do centenário das aparições de Nossa Senhora. Impossível escolher circunstância mais bela para este acontecimento excepcional e histórico que é a canonização de ambos.

É certo que Jacinta não era uma santa em 1917, nem tão pouco o Francisco. Mas tornaram-se santos, como reconheceu o Santo Padre ao aprovar o decreto acerca do milagre realizado graças à intercessão de ambos. Ou melhor: tornaram-se santos em tempo recorde, se assim se pode dizer, uma vez que entre o dia 13 de maio de 1917 e a morte da Jacinta passaram pouco menos de 33 meses, e no caso do Francisco pouco mais de 22 meses. Ou melhor ainda: se eles chegaram tão alto em tão pouco tempo, a razão foi o seu amor ardente por Deus e a sua disponibilidade total a deixarem-se conduzir por Nossa Senhora, que teve o gosto de transformar estes dois irmãos em duas obras de arte de santidade para a Igreja e para o mundo.

Pe Jean-François de Louvencourt
Abadia de Notre Dame de Saint Rémy – Bélgica
Tradução: Maria da Conceição Barreira de Sousa
Servita de Nossa Senhora de Fátima

A peregrinação do Papa Francisco a Fátima pelo olhar dos pequeninos

•Bruna Lorena Brito Costa – 10 Anos
•Duarte Sousela Fernandes Nogueira Miranda – 9 Anos
•Lara Mafalda Sousa Oliveira – 7 Anos
•Maria Rita Machado Cortez – 7 Anos

Creche Mãe – Vila Nova de Famalicão

100 anos de construções para viver e traduzir Fátima

MARCO DANIEL DUARTE

[Foto_ Arquivo do Santuário de Fátima – Núcleo Fotográfico]

Recinto de oração do Santuário de Fátima

Entre as formas de dizer Fátima ao longo de 100 anos, teve particular protagonismo a tradução artística do acontecimento. Se logo na década de 20 de Novecentos se encontram testemunhos que provam a intenção da erudição, a cronologia da Capelinha das Aparições, datada de 1919, evidencia acerca do peso da arte popular nos primeiros tempos do santuário.

A evolução física do santuário mostra o complexo sagrado como estaleiro por onde passam vários movimentos estéticos, desde os que se fazem repercutores da arte de Oitocentos, dando início à construção de um santuário de traçado revivalista coroado por uma monumental basílica riscada por Gerardus van Krieken, até aos que já podem ser entendidos como exibidores da arte do seu tempo, a arte de Novecentos. Num primeiro capítulo desta última taxonomia, encontra-se, a partir dos anos finais da década de 40, a culta edificação de um deserto artificial que arrancava ao desconforto natural que era a Cova da Iria um espaço espiritual constituído por uma enorme e cenográfica esplanada traçada por Cottinelli Telmo, espaço marcado por uma Cruz Alta construída para o encerramento do Ano Santo, em 1951, e, sobretudo, pela colunata de António Lino. É, de facto, no cenário do monumental recinto que se concentram os esforços da nova imagem para o santuário que não mais estagnaria e que, em breve, procuraria soluções estéticas que lhe conferissem uma fácies verdadeiramente internacional e ligada ao pós-modernismo.

Nas décadas de 80 e 90, o lugar fez-se laborioso laboratório de arte, encarando com tenacidade o difícil, mas fundamental, debate epistemológico acerca da arte sacra criada por António Augusto Lagoa Henriques, Clara Menéres, Eduardo Nery, Emília Nadal, Erich Corsépius, Graça Costa Cabral, Gustavo Bastos, José Carlos Loureiro, José Rodrigues, Júlio Resende, Manuel Alcino, Maria Irene Vilar, Rolando Sá Nogueira e Zulmiro de Carvalho.

Sempre impulsionado pelos momentos celebrativos, o santuário chega ao limiar do século XXI, ponto de charneira que, obviamente, seria enfatizado com os cuidados da arte, primeiro com a construção do Pórtico do Jubileu, de Gastão da Cunha Ferreira, e depois através da encenação da Natividade, com o presépio de José Aurélio. Nesse mesmo ano, celebrava-se também a beatificação dos videntes cuja efígie se viu esculpida por José Rodrigues e por Clara Menéres. Contudo, se este marco cronológico já havia trazido obra de novidade, é a data dos 90 anos sobre as aparições que assinala indelevelmente a paisagem do santuário, através da construção da Basílica da Santíssima Trindade, ponto culminante de um concurso internacional aberto a diversos gabinetes de arquitetura do qual saiu vencedor o projeto de Alexandros Tombazis, obra que teve a capacidade de abrir uma nova fase da vida construtiva do santuário sem aniquilar, nem na implantação nem no alçado nem na volumetria, a tradição construtiva monumental erigida ao longo de nove décadas. Por ocasião do centenário, é o novo presbitério do recinto de oração que mostra essa intervenção cirúrgica da arquitetura minimalista que sob a traça de Tombazis e Paula Santos virá a reunir nomes como João Mendes Ribeiro, Filip Moroder Doss e Fernanda Fragateiro. E ainda no âmbito da efeméride o espaço de Fátima será marcado pelo pórtico jubilar, da autoria de Joana Delgado, e pela obra "Suspensão", de Joana Vasconcelos, também chamada a traduzir Fátima através da impressiva escala que lhe é típica. As traduções plásticas que disseram Fátima, construindo o próprio lugar, têm o paralelo noutro tipo de obras, também desta natureza artística, fora do Santuário da Cova da Iria, não apenas no tratamento iconográfico dos conteúdos da denominada Mensagem de Fátima como também noutras encenações que muitas vezes não são fruto de encomenda institucional.

Percurso igualmente dilatado poderia ser feito pela literatura, pela música, pelo teatro e pelo cinema; e por tantas outras formas de expressão que se viram convocadas para dizer Fátima, assumindo traduções diversas, por vezes até ambíguas e contraditórias com o discurso católico, mas sempre denunciadoras de uma específica peregrinação, ou seja, da forma de pensar de cada época histórica e, sobretudo, do pensamento autoral que as criou.

Marco Daniel Duarte
Diretor do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário de Fátima

Cuidar da casa comum

MANUEL SATURINO GOMES

[Foto_Astana, EXPO 2017 - YouTube]

Segundo informação veiculada pela Rádio Vaticana, a Santa Sé está presente na "Expo internacional 2017 – O futuro da energia", inaugurada a 9 de junho na cidade de Astana, Cazaquistão. A Santa Sé, que participa de Exposições universais desde 1851, tem a seu cargo um pavilhão intitulado "Energia para o bem comum. Cuidar da nossa Casa comum", realizado com a contribuição da Igreja local. Se bem recordamos, a Santa Sé levantou também o seu pavilhão na Expo 1998, em Lisboa, cujo tema foi os oceanos.

O pavilhão aprofunda o tema da energia, entendido como oportunidade para a promoção humana e a melhoria da "Casa comum", baseado no uso equitativo e sustentável dos recursos naturais.

A estrutura da Santa Sé, que utiliza instalações de caráter digital e acompanha os visitantes através de percursos fotográficos, artísticos, culturais e espirituais, desenvolve quatro áreas temáticas: o amor de Deus como origem da criação do homem e da Terra, a energia como instrumento colocado nas mãos do ser humano que nem sempre fez um uso adequado; a energia em prol do desenvolvimento integral da pessoa e do cuidado da Casa comum, e a força da espiritualidade com referência à oração, busca de sentido e diálogo inter-religioso.

A presença do Cardeal Peter Turkson, Prefeito do dicastério vaticano para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, na cerimónia de abertura, bem como de outros dignitários eclesiásticos, demonstra a importância que a Igreja atribui a este tipo de exposições e aos temas que lhes são dedicados.

Os recursos naturais, a energia, a casa comum fazem parte do Magistério da Igreja, tanto a nível universal como local. Pensemos na Encíclica Lodato Si' do Papa Francisco, dedicada ao cuidado da casa comum. E qual é a casa comum? É a natureza, os recursos naturais, o ar que respiramos, os bens que Deus deixou ao homem para que continuasse a obra da criação. Os Papas anteriores – de S.João XXIII a Bento XVI – tinham também eles esta preocupação nas suas mentes, exortando o ser humano e os responsáveis políticos a não se deixarem contaminar por estratégias redutoras e devastadoras, que só prejudicam o ser humano e a casa comum.

O Papa Francisco, na referida Encíclica, alerta a humanidade para a escravização a que está sujeita a pessoa humana, vítima inocente de situações incontroláveis e degradantes: «Nota-se hoje, por exemplo, o crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades que se tornaram pouco saudáveis para viver, devido não só à poluição proveniente de emissões tóxicas mas também ao caos urbano, aos problemas de transporte e à poluição visiva e acústica. Muitas cidades são grandes estruturas que não funcionam, gastando energia e água em excesso. Há bairros que, embora construídos recentemente, apresentam-se congestionados e desordenados, sem espaços verdes suficientes. Não é conveniente para os habitantes deste planeta viver cada vez mais submersos de cimento, asfalto, vidro e metais, privados do contacto físico com a natureza» (nº 44).

Temos assistido a discussões nacionais e internacionais sobre estas questões, conotadas com políticas de determinados governos. Que fazer? O cidadão tem de contribuir para a dignificação da casa comum, cuidar dela, promover iniciativas, denunciar problemas, propor medidas às autoridades competentes. É certo que são pequenas gotas no meio de um oceano imenso, mas no final, o esforço de cada pessoa redundará em benefício para o planeta.

O Papa Francisco ao instituir o "Dia Mundial de Oração pelo cuidado da Criação", celebrado sempre no primeiro dia de setembro, como já acontecia desde há muito na Igreja Ortodoxa, quis convocar os cristãos para enfrentarem este grande desafio, rezando e trabalhando em conjunto. É, pois, de louvar o empenho de tantos cristãos e de outras confissões religiosas, de organizações nacionais e internacionais cujo único interesse é cuidar da casa comum e da pessoa humana.

Não fiquemos de braços cruzados, façamos alguma coisa na nossa rua, aldeia ou cidade. Amemos a natureza, protejamos as nossas florestas, combatamos as indiferenças, sejamos ativos na educação e sensibilização em relação à nossa casa comum.

Com São Francisco de Assis, agradeçamos a Deus o dom da natureza: «Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras» (Cântico das criaturas).

Pe Manuel Saturino Gomes, scj
Auditor do Tribunal da Rota Romana

O silêncio de Deus e do Papa

LAURINDA ALVES

[Foto_Arquivo do Santuário de Fátima - Núcleo Fotográfico]

Muito se fala sobre o silêncio de Deus, sobre a sua aparente ausência ou distância. Todos gostaríamos de ver Deus, de falar com Ele, de O conhecer pessoalmente, digamos assim. Falo de um conhecimento humano, de um encontro humano, cara a cara, olhos nos olhos, em que podemos conhecer e dar-nos a conhecer. Feliz ou infelizmente esse encontro não é possível em vida, mas isso não quer dizer que Deus não fale connosco e não se mostre ou revele o Seu rosto. Muito pelo contrário! Deus conversa connosco de muitas maneiras e também no silêncio, pois é a sua grande ausência que convoca em nós o grito: onde estás, meu Deus?

Deus fala-nos e mostra-se nos outros, nos que andam à nossa volta, nos que estão frágeis e tristes, mas também nos fortes e alegres. A Sua existência é e será sempre misteriosa (como são grandes os mistérios da vida e da morte, ou o mistério de ser através da dor e dos sofrimentos que melhor O conhecemos) e não temos que desvendar todo o mistério.

O mistério de Deus é para ser atravessado, para ser vivido, e não para ser descoberto ou revelado como se se tratasse de um mistério vulgar, em que se procuram resolver casos e apurar coisas.

O Papa Francisco veio a Fátima mostrar como é Deus. Quem é Deus, para ser mais exacta. E revelou a Sua maneira de ser e de nos falar através do silêncio. Mais do que as palavras que usou e mais do que os gestos de ternura com que acolheu ou devolveu abraços, o Papa Francisco mostrou Deus na pureza do seu silêncio, quando ficou de frente para Nossa Senhora, quieto e calado. Mudo de espanto, seguramente, por tantos milagres operados pela Nossa Mãe; mudo de gratidão perante a força da fé dos fiéis que ali se juntaram. Durante 8' breves-longos minutos, o Papa nada disse. Permaneceu calado, em oração. Retirado do mundo, ainda que completamente imerso nele. Rezou e entregou.

Rezou certamente por cada um de nós e teve-nos em conta na sua oração de pobre peregrino em silêncio. E foi nessa quietude, nessa infinita paz, que todos sentimos que Deus nos falava e Se mostrava.

O silêncio do Papa Francisco cobriu-nos como um manto leve e acolhedor. Fez-nos parar e ficar também em silêncio. E foi porque todos nos calámos e durante 8 breves-longos minutos não se ouviu nada a não ser o silêncio, que cada um conseguiu escutar a voz de Deus. Esse Deus que nunca se cala e nunca se esconde, apesar de também nunca se mostrar completamente.

Laurinda Alves
Jornalista

ANGELUS TV

ENTREVISTA

Há uma nova estação de televisão nacional. É privada, é católica e iniciou as emissões em 02 de maio, em Fátima, precisamente neste ano jubilar do Centenário das Aparições de Nossa Senhora. Que bom augúrio! O novo canal assume-se como uma "janela de esperança" o que, neste mundo afetado por conflitos bélicos difusos e pelas falsas verdades, soa a boa notícia, a Evangelho. A Stella foi conversar com a Diretora do projeto, Sandra Dias, com o intuito de dar a conhecer a estação televisiva aos leitores da Stella.

Sandra, é caso para dizer: "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce"? Qual a génese deste projeto?
É verdade sim, e quando Deus quer, Ele incomoda mesmo, e sabe bem a porta onde bater. Confesso que era um caminho que não esperava que viesse a ter, no entanto Deus vai nos incomodando e vai nos abrindo portas que muitas vezes nós não entendemos, e comigo foi assim. Sempre fui uma pessoa muito quieta até um pouco introvertida. Há cerca de 13 anos conheci a Comunidade Canção Nova, pouco depois abracei o desafio de ser missionária, neste carisma que se expressa de forma especial na Comunicação, no entanto a minha área era administrativa e por isso nos primeiros tempos fui desenvolvendo o meu trabalho na parte de contabilidade. Entretanto algum tempo depois fui convidada a apresentar um programa. Desafio que para mim não foi fácil e na altura acolhi quase em pânico. Foi aí que conheci o meio de comunicação, e aos poucos fui dando passos, chegando mesmo a fazer a faculdade de Comunicação e Educação Multimédia. Nessa altura assumi também a direção da TV Canção Nova. Fi-lo durante aproximadamente 8 anos, onde foi nascendo o desejo de com esse instrumento (televisão) mostrar a riqueza e a história da Igreja Portuguesa. Ao fim desses 8 anos, passei dois anos na Rádio Canção Nova, mas pude perceber que onde me sentia verdadeiramente realizada era a fazer televisão. É então que renasce o desejo de um canal que mostrasse a nossa Igreja Portuguesa. Claro que de início era algo que achava impossível de acontecer, mas Deus foi-me mostrando passo a passo que era possível concretizar. Um dos grandes passos foi o partilhar esse desejo com D. António Marto, e que diante do caminho de reflexão e oração seria para mim uma resposta de Deus a se concretizar ou não o "sonho". Na nossa conversa, D. António Marto, acolheu o projeto mas recomendou-nos passos pequenos, mas firmes e certos. Confesso que saí da partilha com o Sr. Bispo com o coração bem apertado, pois na realidade não ia preparada para a resposta. No entanto, para mim foi a resposta de Deus de que era para avançar, a partir daí cabia-me a mim dar a minha resposta a Deus, comecei com pequenos passos, até chegar aos dias de hoje.

Quais são os objetivos da estação?
O objetivo do canal é nada mais do que ajudar cada um a viver a sua caminhada de fé. Queremos que cada pessoa possa ter na Angelus TV um espaço onde se cresce no nosso aprendizado diário da nossa Fé e intimidade com Deus, mas por outro lado cada um puder perceber que ser católico implica um sim diário e individual, mas envolto de todas as nossas responsabilidades diárias. Que ser católico é, não apenas ser algo que se interioriza e se reflete nos momentos de oração, mas também deve ser expresso em tudo que realizamos. Acima de tudo, precisamos de ser católicos de oração mas também de ação.

E a quem se destina?
Com a variedade de programas que apresentamos, queremos que seja um espaço para toda a família, desde os mais novos, aos mais velhos, desde os que já têm um percurso de fé, aos que apenas o estão a descobrir agora.

Qual a grelha de programas? O que vão privilegiar?
A nossa grelha de programas é bem variada. Desde programas de catequese e reflexão, a programas de culinária, ginástica, saúde, além das transmissões diárias do Santuário de Fátima, da Santa Missa às 18h30, e do Terço Internacional na Capelinha das Aparições às 21h30.
Em tudo que queremos partilhar com os telespectadores, é uma presença alegre e confiante em Deus nas mais variadas realidades da vida.

ANGELUS TV
Uma janela de esperança!

[Foto_Angelus TV]

Como pretendem atrair um público mais vasto, não crente ou agnóstico?
Na realidade foi criado um estereotipo em que o católico é triste, sisudo... ou que é uma grande chatice com um monte de regras. O que pretendemos é que percebam que ser católico é muito mais, e que temos imensa riqueza que faz parte da nossa história como povo, que precisa ser recordada.

Como é que o canal chega a casa das pessoas? Tem custos?
O canal neste momento está disponível sem custos em duas operadoras: NOS e MEO no canal 187. Além disso poderão assistir ainda no nosso site: www.angelustv.pt.

Sendo um projeto de grandes dimensões quais foram os apoios financeiros que obtiveram? Que protocolos estabeleceram? Os apoios financeiros foram todos de índole particular, realizamos ainda algumas parcerias de apoio de produção e não financeiro.

A Igreja Portuguesa, como acolheu esta estação de televisão?
Dentro dos contactos que fui realizando ao longo da implementação do canal, sempre foi bem acolhido e com interesse no que estávamos a preparar, além de disponibilidade em colaborar.

Porquê Angelus TV?
O Angelus foi escolhido por duas razões: primeiro, estando sediado em Fátima, recordamos as aparições do Anjo que vieram preparar as aparições de Nossa Senhora. Em segundo, na Bíblia, o Anjo tem um papel de anunciador da palavra de Deus, assim, a Angelus Tv queria também abraçar essa missão, preparar cada coração para acolher Deus e a ser anunciadores da Sua palavra.

A estação é já uma pequena empresa? Quantos profissionais foram contratados?
Neste momento, já somos 22 pessoas divididas entre a equipa de jornalismo, produção, gravação e edição de programas.

Vão estabelecer parcerias com outras estações de televisão nacionais ou internacionais?
Já temos algumas parcerias a nível internacional, a nível nacional já realizamos alguns contactos mas ainda está numa fase muito inicial, pelo que ainda terão que ser trabalhadas.

Começaram num tempo oportuno de grandes e significativas celebrações em Fátima. Como foi esta experiência inicial?
Foi um grande desafio para toda a equipa. Estávamos conscientes do grande desafio e do que teremos pela frente, mas estamos confiantes e cada conquista tem sido pequenas vitórias celebradas em equipa e vividas muito no espírito de família que já somos.

Neste momento quais são as vossas perspetivas de futuro?
Para já melhorar o que já fazemos e alicerçar em termos de trabalho de equipa. Depois, começar a abraçar novos desafios, novos programas, novas parcerias.

O Padre Formigão e os Pastorinhos

ARNALDO PINTO CARDOSO

[Foto_António Marto]

Apontamento_Espaço Padre Formigão. Casa do Apóstolo de Fátima

O Padre Formigão esteve, pela primeira vez, no dia 13 de Setembro de 1917, na Cova da Iria, observando, à distância de uns trezentos metros, o que se passava com a gente reunida à volta de Lúcia, Francisco e Jacinta, durante a quinta aparição da Senhora. Se nesse dia era conduzido por "um sentimento irresistível de curiosidade" e até essa altura esboçava "um sorriso de absoluta incredulidade ao ouvir qualquer referência às aparições de Fátima", uma semana depois, Formigão decidiu voltar à Serra d'Aire para encontrar e interrogar os pastorinhos na sua terra natal, Aljustrel. O primeiro encontro de Formigão com os pastorinhos ocorreu no dia 27 de Setembro, já com a intenção de completar as impressões do dia 13, recolhendo "elementos indispensáveis para fundamentar um juízo" acerca desses acontecimentos. Essa tarefa prolongou-se com outros encontros, durante dois meses. Era o início de um acurado processo, que viria a estar nas raízes do fenómeno Fátima.

A partir de então, o cepticismo de Formigão cede o passo à afirmação da presença de uma realidade sobrenatural. Numa carta dirigida ao Patriarca de Lisboa, assim descreve a evolução nele operada: "A princípio não acreditava na sua sobrenaturalidade nem na sua realidade (...) Todo o meu empenho era provar a inanidade das aparições anunciadas pelos pastorinhos da serra d'Aire. Mas isso obrigou-me a estudar de perto os acontecimentos que se desenrolaram na Cova da Iria e esse estudo acabou por me convencer da sinceridade dos videntes e da verdade das suas afirmações" (Arq. Patriarcado de Lisboa, Cx 17).

Esta atitude crítica de Formigão, apoiada na sua preparação intelectual e espiritual, foi mais útil para a afirmação da história das aparições do que uma atitude crédula. Desde o início, a sua posição racional procurou estabelecer a verdade das coisas, a veracidade dos videntes, a coerência do conteúdo. Só assim punha em evidência a irracionalidade dos ataques gratuitos e a ilusão dos embustes interesseiros. Este caminho seguido por Formigão desmascarava, por um lado, os ataques facciosos dos adversários e, por outro, interpelava os membros da Igreja que se opunham à narrativa de tais acontecimentos. O ponto de partida dos adversários, gratuito e preconceituoso, situava-se nos antípodas racionais de Formigão.

Dos vários encontros e interrogatórios feitos aos videntes, Formigão recolheu informações e impressões que o convenceram da simplicidade das crianças e da veracidade das suas declarações. De cada uma delas nos deixou traços inconfundíveis, físicos e psicológicos, mas a nervura da

[texto redigido segundo o anterior acordo ortográfico]

mensagem era o que mais o entusiasmava e que ele descreveria como "as maravilhas de Fátima". Ele, o mestre, o doutor, tornou-se discípulo na escola dos pastorinhos, proclamando bem alto o seu nome e a sua história!

Quanto pôde, Formigão seguiu de perto os pastorinhos, escutou-os e protegeu-os, vendo neles instrumentos privilegiados de Deus, que não dispunham nem de saber nem de meios para se afirmarem na sociedade. Mais do que mestre, ele foi um pai e o alto-falante da mensagem da Senhora. Entre eles criara-se uma sintonia na percepção do divino e da sua concretização na vida santa. Em 1919, Formigão chama a atenção, num artigo, para a morte de Francisco, "o humilde e inocente pastorinho". Mais tarde, ao bispo de Leiria escreve, referindo-se aos "colóquios íntimos e misteriosos com Jacinta Marto". Com Jacinta estabeleceu-se um laço especial, após Formigão ter sabido do "segredo" da Senhora para ele. Apesar do seu estado de saúde, em 1952, ainda se deslocou a Leiria para dar o seu testemunho no Processo de beatificação de Francisco e Jacinta. Com Lúcia, Formigão manteve contactos vários, visitando-a e interrogando-a no Asilo de Vilar (Porto, 1921), assistindo à sua profissão religiosa em Tuy (1928), e entrevistando-a em Fátima em 1946.

Intrépido e clarividente, Formigão foi, a um tempo, teólogo, arauto e peregrino de Fátima, e nessa qualidade influenciou decisivamente o fenómeno de Fátima. Em três palavras podemos sintetizar a missão de Formigão nas suas relações com os pastorinhos: Veracidade, Santidade, Eclesialidade. Depois de estabelecer a veracidade dos videntes acerca dos acontecimentos de Fátima, Formigão proclama e traduz em actos as exigências de santidade da mensagem, promovendo e descrevendo a celebração eclesial da fé e da unidade da comunidade. Faz parte do seu património espiritual chamar a atenção para o Absoluto de Deus na vida e na história, para o lugar da Reparação do Coração de Deus ofendido pelos pecados, para a devota consagração ao Coração Imaculado de Maria.

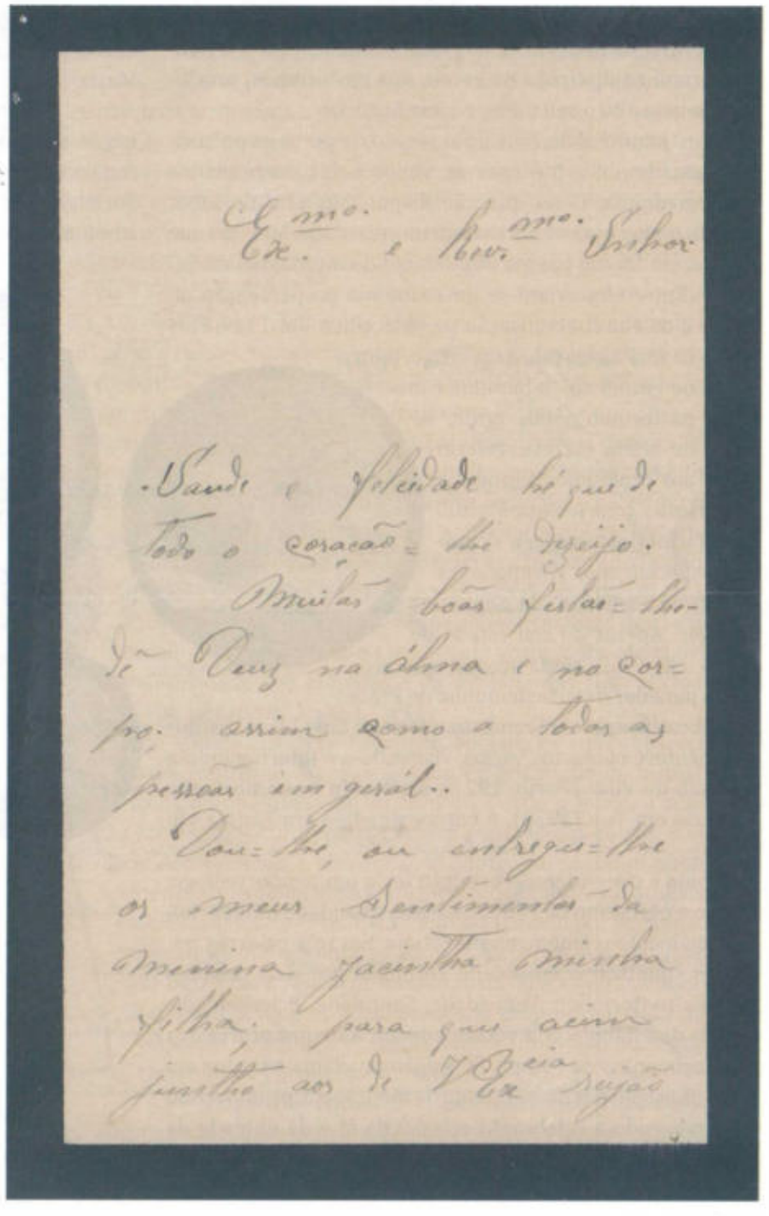
Perante o contributo pessoal e excepcional de Formigão em prol de Fátima, o Cardeal D. António Ribeiro exarou no seu testemunho o que muitos pensam: Sem o Cónego Formigão, "Fátima não seria o que é presentemente". Ele foi o homem providencial que guiou os pastorinhos e, sob pseudónimo, proclamou a todo o mundo uma mensagem de esperança e de paz. No Centenário de Fátima, ele ocupa um lugar primordial.

Monsenhor Arnaldo Pinto Cardoso
Postulador da Causa de Canonização de M. N. Formigão

Carta de Manuel Pedro Marto a Manuel Nunes Formigão a agradecer os cuidados tidos com a sua filha Jacinta Marto

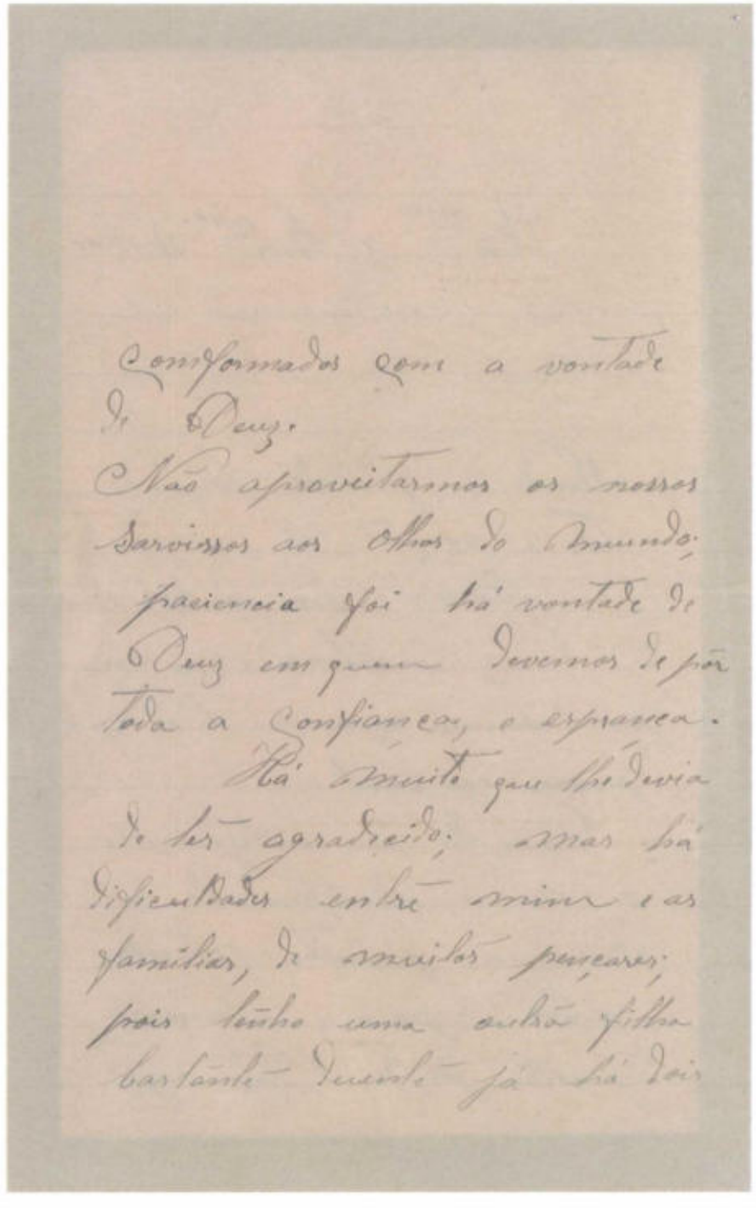
2 DE ABRIL DE 1920

[Arquivo Formigão – Irmãs Rep. de N.ª S.ª de Fátima]



Ex.mo. e Rev.mo. Senhor

Saúde e felicidade é que de todo o coração lhe desejo.
Muitas boas festas lhe dê Deus na alma e no corpo; assim como a todas as pessoas em geral.
Dou-lhe, ou entrego-lhe os meus sentimentos da menina Jacinta minha filha; para que assim junto aos de V Ex[cia] sejam

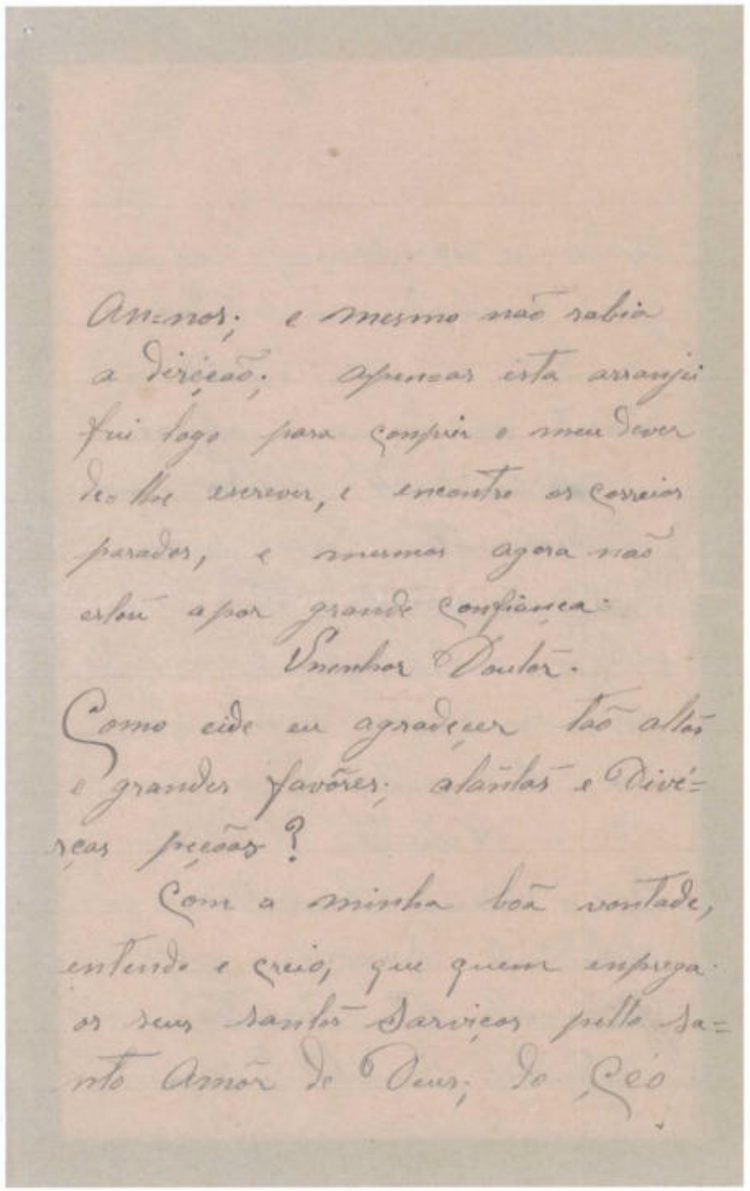


conformados com a vontade de Deus.
Não aproveitarmos os nossos serviços aos olhos do mundo; paciência foi a vontade de Deus em quem devemos de pôr toda a confiança e esperança.
Há muito que lhe devia de ter agradecido; mas há dificuldades entre mim e as famílias, de muitos pensares; pois tenho uma outra filha bastante doente já há dois

anos; e mesmo não sabia a direção; apenas esta arranjei fui logo para cumprir o meu dever de lhe escrever, e encontro os correios parados, e mesmo agora não estou a pôr grande confiança.

Senhor Doutor

Como hei de eu agradecer tão altos e grandes favores; a tantas e diversas pessoas? Com a minha boa vontade, entendo e creio, que quem emprega os seus santos serviços pelo santo amor de Deus; do Céu



espera a recompensa; se eu fosse civilizado em sabedoria; mandaria anunciar em todas as redações para que assim chegasse ao conhecimento de todos o meu agradecimento; mas paciência não se pode fazer tudo.

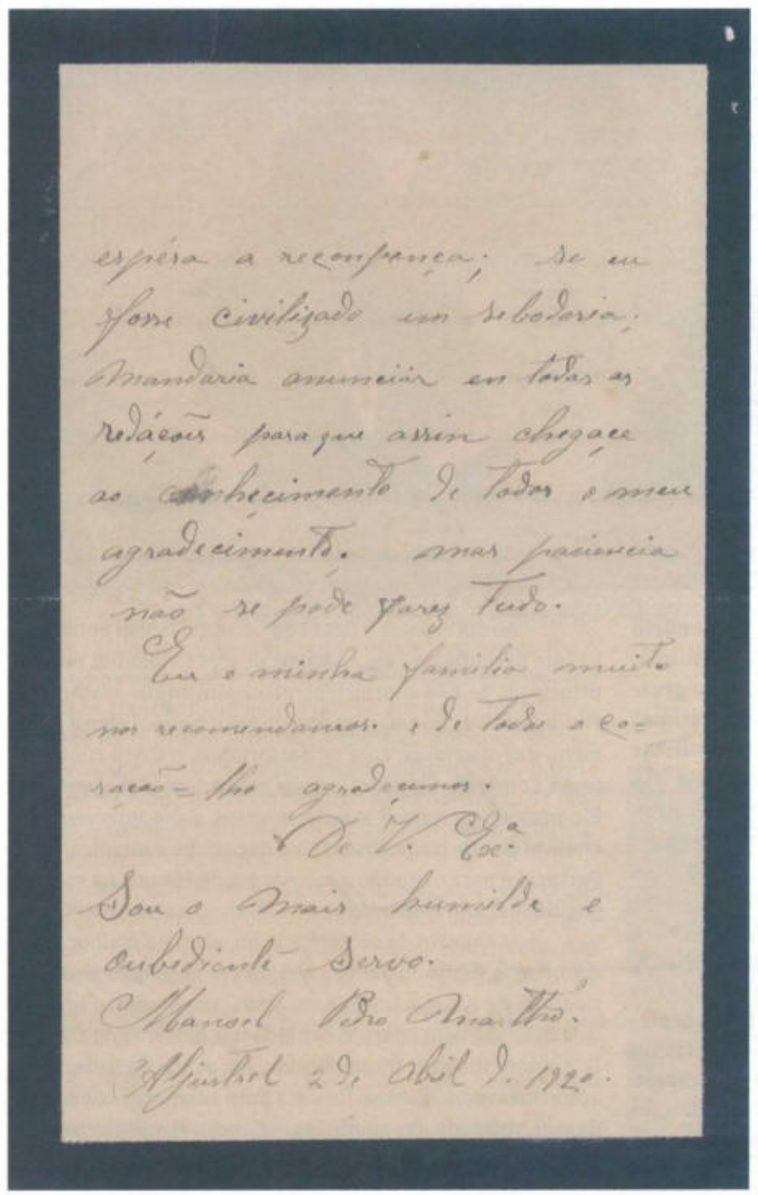
Eu e minha família muito nos recomendamos e de todo o coração lhe agradecemos.

De V. Ex.a

Sou o mais humilde e obediente servo.

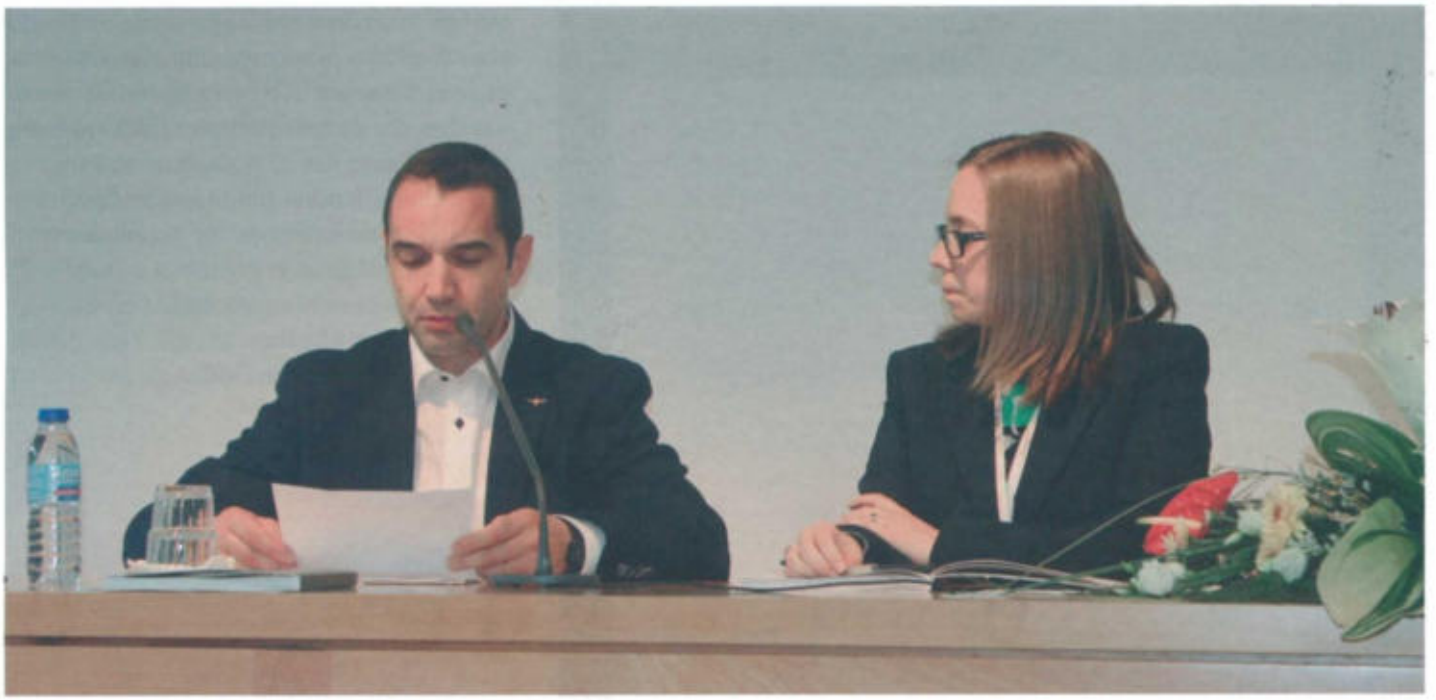
Manuel Pedro Martho

Aljustrel 2 de abril de 1920



Cónego Manuel Nunes Formigão – Apóstolo da Mensagem de Fátima

RAFAEL JOSÉ ANTUNES MARQUES



No âmbito das comemorações do Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, realizou-se ali, de 21 a 24 de junho, o Congresso internacional sobre o tema "Pensar Fátima" que contou com a colaboração de vários especialistas em diferentes áreas do conhecimento científico. Foi uma iniciativa, organizada pelo Santuário de Fátima em parceria com a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Durante o Congresso foram proferidas conferências plenárias, conferências temáticas e comunicações autopropostas por investigadores de diferentes disciplinas e latitudes. Da vasta panóplia de temas e comunicações proferidas, apraz-nos editar uma breve síntese da exposição sobre o Servo de Deus, Cónego Manuel Nunes Formigão – Apóstolo da Mensagem de Fátima, apresentada pelo Dr. Rafael Antunes Marques, a quem agradecemos a dedicação à causa de canonização do Venerando Sacerdote e figura proeminente da Igreja portuguesa do século XX.

Ao apresentar a figura do Cónego Manuel Formigão, há que destacar que ele é, depois dos três videntes, um dos principais, se não o principal, protagonista da história de Fátima, através do seu contacto direto e pessoal com o fenómeno das aparições, com os pastorinhos, e o seu contributo na Comissão Canónica para a veracidade das aparições. Ele presenciou muitos acontecimentos, é um interveniente credível e autorizado, insuspeito, que soube comunicar para Portugal e para o mundo a mensagem de Fátima, na sua originalidade, sem a deturpar.

O objetivo da conferência foi, além de melhor dar a conhecer a figura incontornável do Pe. Formigão na historiografia de Fátima, prestar um justo contributo ao homem cuja ação tão bem aparece definida nas palavras do Cardeal D. António Ribeiro: "Notabilíssima foi, acima de tudo, a sua ação em favor de Fátima. Desde a hora em que se convenceu da autenticidade das aparições, o Cónego Formigão tornou-se apóstolo infatigável na difusão e vivência da Mensagem

[Fotos_Stella]

confiada aos pastorinhos da Cova da Iria. Sem ele, Fátima não seria o que é presentemente."

De incrédulo acerca do fenómeno que decorria na Cova de Iria desde maio de 1917, tornou-se o maior paladino da mensagem da Senhora mais brilhante que o sol, a partir do momento em que interrogou por diversas vezes os videntes e, principalmente, depois de ter presenciado o fenómeno solar ocorrido a 13 de Outubro desse ano.

Pela caneta do Visconde de Montelo foram escritas as mais belas páginas sobre Fátima e os acontecimentos que lhe deram grandeza. As mais belas e, não menos importantes, as primeiras. O Dr. Formigão escrevia primorosa e abundantemente. Mas acima de tudo fazia-o com fundamento científico e crítico, como se antevisse que os seus manuscritos viessem a tornar-se documentos insubstituíveis e incontornáveis na historiografia das aparições da Cova da Iria.

A Irmã Lúcia falava do Pe. Formigão com grande enlevo, contrapondo até, noutras descrições, com a atitude de outros sacerdotes aquando das suas inquirições, por serem demasiado maçadores. Afirma que gostou muito dele, porque, depois de a interrogar, ainda que longa e minuciosamente, falava-lhe da prática da virtude, ensinando-lhe o modo de a exercer, dando-lhe ainda bons conselhos que lhe faziam bem espiritualmente. Pode-se até dizer que o Servo de Deus foi o primeiro diretor espiritual dos três pastorinhos. A partir de 1928, o Pe. Formigão, depois de ter ouvido da Lúcia o pedido de Nossa Senhora da necessidade da prática dos 5 Primeiros Sábados, foi, a nível nacional, o principal dinamizador desta prática.

O recado de Nossa Senhora à Jacinta, que se destinava a ser transmitido ao Pe. Formigão, foi o mote que o galvanizou a fundar uma congregação religiosa com o objetivo de reparar e expiar as ofensas que eram e continuam a ser cometidas contra o bom Deus, e que tornam o carisma reparador cada vez mais atual nesta sociedade moderna em constante mudança e tantas vezes longe Dele.

É justo também fazer uma rápida alusão às virtudes do Cónego Formigão: inteligente, piedoso, modesto, afável, extremamente humilde, trabalhador incansável, apaixonado pelo confessionário e pelo sacrário, condutor de almas, prosador exímio e dotado de invulgar veia poética, místico, apaixonado pela Virgem Maria, estes são apenas alguns dos seus predicados, aguardando-se serenamente que a Providência um dia se revele a seu respeito, elevando-o aos altares, exaltando assim aquele que toda a vida se humilhou.

Oculto e como que pertinazmente sumido na sua tão característica modéstia, como afiançou D. Ernesto Sena de Oliveira, foi, humanamente falando, o instrumento mais apto, mais eficiente e mais decisivo de que a providência de Deus se serviu para pôr em alto-relevo os factos ocorridos na Cova da Iria.

Foi assim a vida do Pe. Formigão, total, mas sem protagonismo. E o certo é que, sem a sua inteligente, sacrificada, generosa e amorosa ação, o fenómeno de Fátima não teria tido, no plano nacional e internacional, a rápida e brilhante repercussão que efetivamente teve. Todos sabemos o que foi Fátima para o Dr. Formigão, mas não sabemos o que teria sido Fátima sem ele.

Rafael José Antunes Marques
Presidente da Obra Reparadora de Fátima

Finalmente... FÉRIAS!!

MARIA FILOMENA MENDES

[Desenho_ Maria Filomena Mendes]

Três longos fantásticos meses estendem-se à nossa frente, apetecíveis como um oceano azul num dia quente de verão... Neste artigo propomos-te algumas ideias para fazeres algo diferente e aproveitares a estação ao máximo.

Reza e medita

Durante o tempo de aulas, muitas vezes deixamo-nos levar pela correria do dia a dia e passamos a encarar a existência como algo banal. Para um bocado, procura um sítio pacífico, alheia-te do mundo e reflete sobre a vida, o seu valor. Medita, reza, fala com o Criador... Os Valinhos, por exemplo, são o local ideal para isso. Numa atitude mais radical, inscreve-te numa peregrinação a Santiago de Compostela ou a outro local de culto. Propomos também que participes no encontro "Fátima Jovem 2017", a realizar no segundo fim de semana de setembro. E porque não, neste ano do centenário das Aparições de Fátima, acolher o pedido de Nossa Senhora e rezar o terço diariamente?

Adquire novos conhecimentos

Se gostas de arte, sai à rua, senta-te num local sossegado e agradável e esboça num bloco as tuas emoções, os teus desejos, a tua perceção da realidade. Pode ser que fiques surpreendido com o resultado! Por outro lado, podes levar as coisas mais a sério e participar num workshop sobre desenho. Ou, se gostas de passar tempo na cozinha, faz o mesmo com a culinária. Acede ao site kissthecook.pt e lança-te numa experiência inesquecível. Em alternativa, se preferes algo mais mexido, experimenta aprender um desporto novo. A equitação, por exemplo, pode proporcionar-te momentos sublimes.

Põe-te ao serviço

Uma experiência de voluntariado é sempre bastante gratificante. Seja com crianças, idosos ou nos bombeiros, a tua ajuda é sempre bem-vinda. Procura informar-te na tua paróquia ou junta de freguesia sobre as propostas para estas férias. Há sempre necessidade de monitores para campos de férias, animadores para lares ou centros de dia, auxílio para centros de proteção da natureza ou de animais. Se pretendes ir mais além, há voluntariado de curta duração que te leva para lá das fronteiras. Junta-te a um grupo de jovens ou inicia uma preparação para no próximo ano viveres uma experiência de missão.

Cuida do Planeta

O Papa Francisco, na sua encíclica Laudato Si afirma: "Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades." Nestas férias, procura cuidar bem do planeta nas pequenas ações do quotidiano. Em complemento, os festivais ecológicos alargam-te os horizontes, ao mesmo tempo que proteges a nossa "casa". Sugerimos-te o festival Andanças, que vai decorrer de 8 a 11 de agosto em Castelo de Vide, no Alentejo.

Para finalizar, não te esqueças de passar tempo com os que mais fazem por ti, valorizando os momentos em família!

Maria Filomena Mendes
Estudante

Coração, bomba e refúgio

FÁTIMA SARAIVA

O coração é um órgão vital, cuja génese é muito precoce durante a fase embrionária, sendo possível observar os seus batimentos desde muito cedo, mais precisamente, a partir da terceira semana de gestação. Portanto, é algo de primordial e que nos assegura a presença de Vida, convertendo-se assim num comprovativo da existência humana. Ao longo do desenvolvimento embrionário, o coração vai adquirindo a sua estrutura oca, composta por quatro cavidades, dispostas em dois andares, o superior formado por duas aurículas e o inferior, composto por dois ventrículos. A separá-los, temos um sistema valvular, que permite que o fluxo sanguíneo seja unidirecional. Simultaneamente, o coração adquire também uma forma aproximadamente cónica, com a base dirigida para cima e discretamente para a direita e a ponta, tecnicamente designada de ápex, orientada para baixo, para a frente e para a esquerda. Assim, ao contrário do que habitualmente é dito, o coração não se localiza totalmente à esquerda. A sua posição é predominantemente central dentro da cavidade torácica, onde vive em íntima relação com as estruturas adjacentes, nomeadamente, o sistema circulatório e os pulmões. O primeiro é composto por artérias e veias, sendo que as artérias realizam o transporte do sangue do coração para todo o organismo, ao passo que as veias asseguram o trajeto inverso. Nos pulmões, o sangue recebe um dos elementos essenciais à vida, o oxigénio, que o coração se encarrega de distribuir por todo o organismo. Portanto, o coração não vive só, mas sim em comunidade, expressa na permanente comunhão com os seus pares, pois só desta forma consegue cumprir os seus propósitos essenciais.

No adulto, o coração adquire um tamanho equivalente ao de uma mão fechada e um peso aproximado de 250 a 350 gramas. A sua composição é essencialmente muscular, o que lhe permite funcionar como uma bomba, que contrai em média 110 mil vezes por dia. A espessura desse músculo, medicamente designado de miocárdio, é substancialmente maior do lado esquerdo do coração, pois este tem de bombear o sangue para todo o organismo, ao passo que o coração direito fá-lo apenas para os pulmões, cuja proximidade requer um esforço significativamente menor. Portanto, ao contrário da vulgar simetria com que habitualmente desenhamos um coração, o coração humano é cheio de assimetrias, com componentes múltiplos e complexos, mas concebidos de forma a poderem funcionar sempre em uníssono. Este trabalho conjunto é de tal modo genial que o coração bombeia um volume aproximado de 5L de sangue em apenas um minuto, podendo chegar aos 20L em situação de esforço. Podemos por isso designá-lo como um trabalhador incansável, cuja principal função é assegurar o aporte de oxigénio e nutrientes a todos os restantes órgãos do corpo humano, existindo desta forma para o serviço aos outros. Assim sendo, não admira que este órgão altruísta seja imagem permanente nas referências cristãs.

Contudo, o Coração, além de toda a sua dimensão orgânica, é também o orgão que melhor reflete o ser emocional que há em todos nós. Quem nunca sentiu o coração pular de alegria face a uma notícia boa ou pelo contrário, o coração apertado perante um acontecimento trágico? A perceção dos batimentos cardíacos que habitualmente é inexistente, torna-se nesses momentos presença assídua, assegurando-nos que o coração bate de braço dado com o nosso estado de espírito. Seja através do aumento da frequência cardíaca, tecnicamente designada de taquicardia, seja pela sensação de paragem desses batimentos, todos já experimentámos o extraordinário acompanhamento que o Coração faz da nossa vivência emotiva do Mundo. Não admira por isso que alguém a quem é comunicado uma patologia do foro cardíaco viva não só o receio da doença em si e do seu prognóstico vital, mas também o medo da perda da sua capacidade de sentir. Esta é uma vivência muito comum no âmbito da Transplantação Cardíaca, onde constatamos frequentemente que o doente teme perder os seus afetos e emoções ao receber o coração de outrem.

Portanto, não devemos ver este órgão apenas como uma bomba extremamente eficiente, mas também como o recetáculo de todas as nossas alegrias e tristezas, qualidades e defeitos, ações e negligências, vitórias e frustrações, que em conjunto nos definem como pessoa humana.

[Foto: Stella]

Estes dias, ao ler o artigo do P. Tolentino: "Fátima, como se ilumina um mundo às escuras", parei na sua pergunta: "O que é que Fátima nos sugere?" E na sua resposta: "Que se dê a primazia ao coração e ao que ele significa". É percetível a intenção do Santuário de Fátima ao escolher como símbolo do Centenário das Aparições, o coração. O Coração branco, imaculado e ardente de Maria, repleto de amor e ternura. Sinal e reflexo do Coração de Deus. Também ao nível espiritual é pela via do coração que asseguramos o caminho para Deus e a vida em abundância.

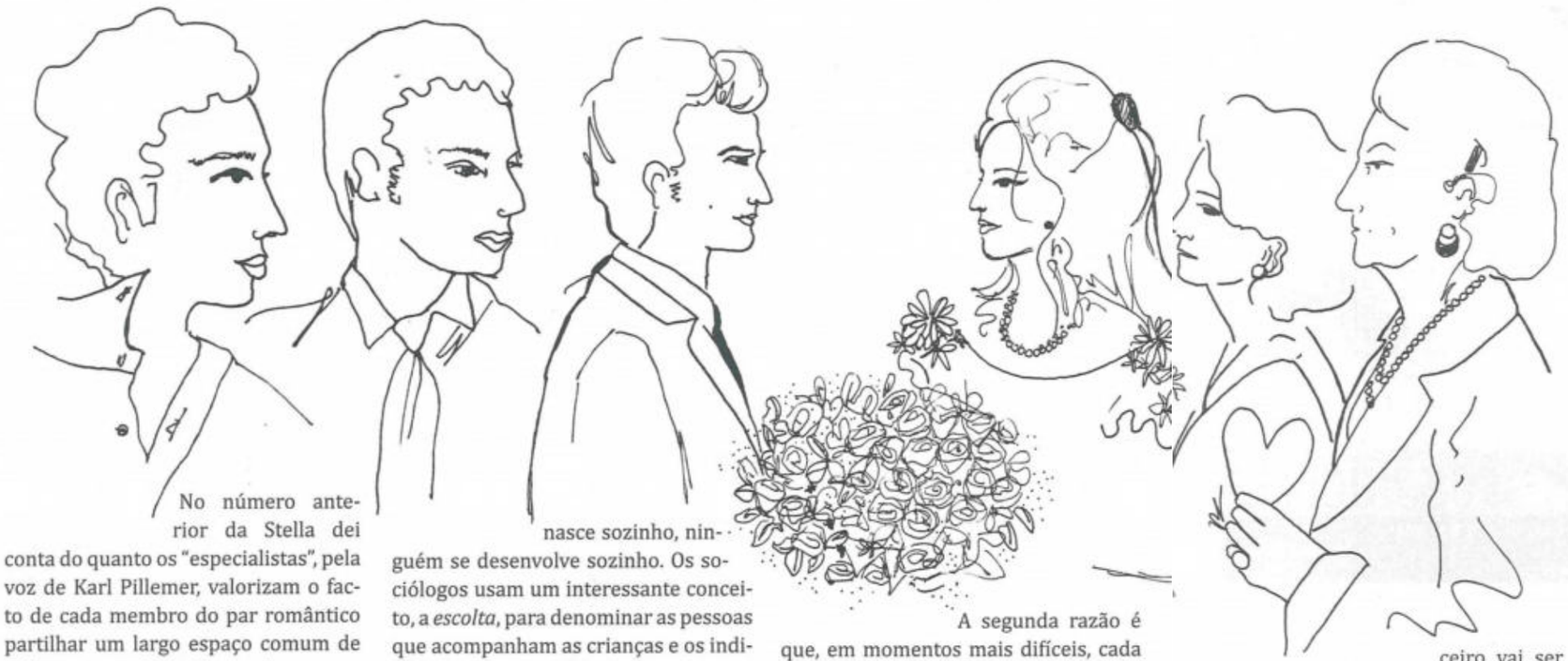
Fátima Saraiva
Cardiologista

Ex-voto cordiforme. Pormenor da Exposição temporária evocativa da aparição de setembro de 1917: Terra e Céu: peregrinos e santos de Fátima.

O que dizem os "especialistas" sobre o casamento (II)

"Amor de perdição" ou a importância de considerar bem a família do(a) parceiro(a)

JOSÉ FERREIRA-ALVES



[Desenho_ Clara Marto]

No número anterior da Stella dei conta do quanto os "especialistas", pela voz de Karl Pillemer, valorizam o facto de cada membro do par romântico partilhar um largo espaço comum de valores, como ingrediente do sucesso de uma relação. Hoje queria dar conta de uma outra importante lição que eles nos quiseram transmitir. Trata-se da importância crítica de considerar a família do/a parceiro(a), antes de prosseguir a relação e estabelecer o compromisso do casamento. Tentarei de seguida explicar por que razão pode ser crítico tomar em consideração a família do(a) parceiro(a) para construir uma relação longa e realizada.

A primeira razão porque é importante considerar a família do parceiro tem a ver com um facto simples mas nem sempre explicitado: ninguém nasce sozinho, ninguém se desenvolve sozinho. Os sociólogos usam um interessante conceito, a *escolta*, para denominar as pessoas que acompanham as crianças e os indivíduos ao longo do seu desenvolvimento, muito além do casamento, como os pais, os irmãos e outros familiares. É uma denominação fantástica até pela imagem visual que rapidamente suscita (imagine-se alguém escoltado). A escolta interessa-se, acompanha, observa e protege. Com esta imagem, será fácil imaginar como cada casal, composto pelos necessários dois indivíduos, terá duas escoltas que se interessam, observam e protegem a sua "cria". É fácil de intuir que se não se estabelece uma boa relação com a escolta do(a) parceiro(a), a relação com o parceiro pode sair a perder.

A segunda razão é que, em momentos mais difíceis, cada indivíduo recorre com frequência à sua família de origem, nomeadamente a um irmão, ao seu pai, à sua mãe, ou outro familiar, para apoio emocional ou material, apoio esse muitas vezes mais difícil de encontrar junto de amigos ou outros conhecidos. E este é um sinal claro de que os indivíduos permanecem ligados à sua família de origem até muito depois do casamento. Por isso é, também, fácil de intuir que se não se estabelece uma boa relação com as pessoas mais significativas do parceiro, é muito provável que a relação com o parceiro saia a perder.

A terceira razão é que a família do parceiro vai ser um "ingrediente" duradouro da vida do casal. As visitas de fim de semana, os momentos de crise ou de doença de outros membros da família, os momentos de festa(s), feriados, aniversários, entre muitos outros, serão ocorrências previsíveis e inesgotáveis.

Por isso, é fácil de intuir que se não se estabelece uma boa relação com as pessoas com quem se vai necessariamente interagir de forma significativa, devido à relação conjugal que se tem, a relação conjugal possa sair a perder.

A quarta razão é que os estudos mostram que há realmente uma correlação entre a satisfação com a família do(a) parceiro(a) e a satisfação conjugal especialmente, como refere Karl Pillemer, se ao novo membro da família lhe foi dado um estatuto especial dentro do grupo familiar. Realmente, alguns "especialistas", citados pelo autor, são mesmo radicais e indicam que não se deve continuar a relação se a relação com a família do parceiro for muito difícil. Daqui é fácil de intuir que, embora a relação com a família de origem do parceiro *não cause* a felicidade ou infelicidade do casal, se ela não corre bem, pode trazer conflitos insanáveis. Se ela corre bem é um *bónus* do casamento, imagem usada por um dos "especialistas"!

Muitas pessoas da minha geração diziam que se casavam com uma pessoa e não com uma família. Os "especialistas" entrevistados no estudo de Karl Pillemer, disseram que esta afirmação é profundamente errada! De alguma maneira o casamento envolve tudo o que envolve significativamente o parceiro. É curioso que ao recordar alguns filmes da minha juventude, a ênfase no amor sobrepunha-se em muito às outras variáveis em presença (e julgo que isso continua a ser muito importante). Recordo por exemplo "uma história de amor" (Love story), filme premiado com um Óscar em 1971 e com um globo de Ouro em 1972, escrito por Erich Segal e levado ao cinema por Arthur Hiller; neste filme belíssimo, Oliver Barrett, um estudante de direito de Harvard e Jenny Cavilleri, uma estudante de música de Radcliffe, apaixonam-se e decidem casar quase logo a seguir. Embora o pai do rapaz fosse contrário ao casamento devido às diferenças de *background* e tivesse por isso deserdado o seu filho, não sabemos verdadeiramente o impacto dessa desaprovação paternal sobre o casamento, pois ele termina de forma trágica com a morte de Jenny!

De maneira idêntica o romance mais famoso do nosso Camilo Castelo Branco, "Amor de Perdição", que fez parte da formação de muitos da minha geração é, também, uma ilustração trágica do efeito da relação difícil com a família do par romântico.

É claro que se por hipótese a escolha hoje fosse, como nos tempos de Camilo, entre o amor e a herança, entre o amor e a aprovação parental, não hesitaria em recomendar o amor. Contudo, as escolhas dos nossos dias porventura não serão tão claras como o eram no romance de Camilo ou de Segal. Por isso, faz sentido recomendar que se considere sempre a família do outro, quanto mais não seja como fonte de fortalecimento do amor romântico. Observe-se, atente-se, aprecie-se e valorize-se o que de precioso pode ter esse contexto familiar para que o amor não seja de perdição.

José Ferreira-Alves
Psicólogo e Prof. Universitário

construções
divireis
www.divireis.pt
Alvará nº 35593
Av. Beato Nuno, Edf. Sol Nascente, n.º 348 B
Cova da Iria – 2495-401 FÁTIMA
Telf.: 249 531 211 · Fax. 249 538 357 · www.divireis.pt

Coelho & Sá, Lda
INDÚSTRIA ALIMENTAR
Padaria e confeitaria
conservas de frutos em calda e cristalizados
doces, frutas secas e amêndoas
Rua Jacinta Marto, 78 – R/C – 2495-450 FÁTIMA
Tel. Fáb. 249 532 045 · Fax. 249 531 445
Serv. Com. 249 532 447 · coelhoesa@telepac.pt

COLORFOTO
FOTOGRAFIA E VIDEO
Colorfoto - Fotografia e Vídeo
Morada Praça Paulo VI, n.º 9 - 2495-409 Fátima
Telefone 249 533 828 E-mail colorfotofatima@sapo.pt

Rua de Santo António
2495-430 Fátima
Tel.: 249 530 110 | Fax: 249 530 119
www.hotelstmaria.com | info@hotelstmaria.com

Hotel Santa Maria
FÁTIMA
★★★★

Avenida D. José Alves Correia da Silva
2495-402 Fátima
Tel.: 249 530 120 | Fax: 249 530 129
www.hotelsaojose.com | info@hotelsaojose.com

hotel são josé
★★★
fátima

A maior Paramentaria da Europa

PARAMENTARIA DE FÁTIMA

Estrada de Leiria – Apartado 70 | 2496-908 Fátima – Portugal | TELEF 249 532 350/1 – FAX 249 532 326 | www.artesacris.com • comercial@artesacris.com

pedo jovem
clínica médica e dentária

Diretora Clínica
Dra. Paula Marto

CONSULTAS_ 2ª a Sábado das 09h às 13h e das 14h às 20h

Edifício Três Reis, 14 - 1.º U, Rotunda Sul - Fátima ° telf./fax 249 531 275 ° telm. 969512482 ° email: pedojovem@hotmail.com

«Rainha do Rosário de Fátima!
Faz-nos seguir o exemplo dos Bem-aventurados
Francisco e Jacinta,
e de todos os que se entregam
à mensagem do Evangelho.
Percorreremos, assim, todas as rotas,
seremos peregrinos de todos os caminhos,
derrubaremos todos os muros
e venceremos todas as fronteiras,
saindo em direção a todas as periferias,
aí revelando a justiça e a paz de Deus».

Papa Francisco

STELLA
Revista Trimestral | 2,00€